

**PROVOCAÇÕES GEOGRÁFICAS:
A NATUREZA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

**GEOGRAPHIC PROVOCATIONS:
THE NATURE IN THE LITERACY PROCESS.**

Marquessuel Dantas de Souza

Estudante do Grupo de Pesquisa Geografia, Literatura e Arte da Universidade de São Paulo (Geoliterart/USP)

E-mail: marquessuelgf@yahoo.com.br

RESUMO

O presente texto apresenta de maneira breve e introdutória uma interpretação filosófica e mitológica, assim entendida, sobre a ideia de Natureza nos estudos geográficos. Com efeito, delineando um olhar outro sobre o mundo, principalmente no processo de alfabetização. Para tanto, quase metafórica e poeticamente, Natureza e homem aparecem como indissociáveis. Não obstante, constituindo uma espécie de provocação geográfica por ser relacionada a pensamentos audaciosos quando voltado à ideia de Educação na Geografia. Entrementes, tendo como fio condutor a obra *O Círculo e a Espiral*, do geógrafo Ruy Moreira.

Palavras-chave: Geografia. Natureza. Educação.

ABSTRACT

This paper presents briefly and introductory, a philosophical and mythological interpretation, thus understood, about the idea of Nature in geographical studies. Indeed, outlining another look on the world, especially in the literacy process. Therefore, almost metaphorical and poetic nature appears as something inseparable from the man. Regardless of, constituting a kind of geographic provocation, since it deals with bold thoughts when facing the idea of Education in Geography. Meanwhile, it has as thread of the work *The Circle and the Spiral*, by the geographer Ruy Moreira.

Keywords: Geography. Nature. Education.

I INTRODUÇÃO

A literatura geográfica idealizada por Ruy Moreira no primeiro capítulo - *A sensível natureza insensível* - da obra intitulada *O Círculo e a Espiral*¹, constitui o cenário para o desenvolvimento romântico sobre a natureza. A maneira proposta por este autor condiz para dizermos que este documento serve, grosso modo, para uma forma outra no processo de alfabetização. Quer dizer, a simples estrutura do manuscrito mostra que o modelo apresentado, além de inovador nos estudos da Ciência Geográfica, fornece subsídios para se utilizar do mesmo com o intuito em desenvolver o conhecimento sobre a natureza, dialogando com jovens de diversas faixas etárias, isto, em especial nas aulas de geografia. Porém, este diálogo se manifesta, assim consideramos, principalmente, no ensino fundamental e médio. Ainda mais: o romantismo presente traduz uma abordagem atraente no processo concernente ao ensino-aprendizagem.

Ensinando com simplicidade, todavia, com responsabilidade e aproximando os discentes para uma possível realização dos seus mundos; é isso o que o autor registra em seu escrito. *A sensível natureza insensível* decifra a Natureza como a mesma se nos apresenta existencialmente. Quase que mitologicamente, as páginas a seguir tentam por associar o conhecimento científico pragmático e empírico com o conhecimento popular e teórico. Também quase metafórica e poeticamente ou de forma romântica² as descrições expostas adiante são capazes de introduzir provocações no que diz respeito aos estudos geográficos, pois ilustram pontos de vistas diferentes no que concerne a educação geográfica. Entrementes, concebemos que tudo em relação ao conhecimento é válido, contudo, devemos saber filtrar todo o conhecimento que nos chega a fim de que possamos ingerir o melhor conteúdo possível.

2 GEOGRAFIA E NATUREZA: UMA APRESENTAÇÃO

O que é natureza? Ao colocarmos esta indagação, inicialmente podemos ainda acrescentar outra: o que é mundo? – Bem entendido, é com esta preocupação que o texto aqui exposto intenta por mostrar como o ensino da natureza facilita o desenvolver humano. Isto, principalmente quando voltado para a alfabetização. Assim sendo, consideramos um desafio seguirmos nesta direção, mas as informações expostas sugerem que a linguagem geográfica possui muita importância na vida das pessoas.

Filosofia, natureza e estética: um romance mítico-geográfico; é assim que poderíamos chamar o presente escrito, pois envolve reflexões de cunho filosófico, trata da natureza e, por assim dizer, de sua estética existencial. Mas optou-se pelo título apresentado, haja vista que visa introduzir provocações sobre a ideia de natureza no ensino de geografia. Muitos autores, de certa forma citaram algo muito próximo do elencado por Ruy Moreira, ou seja, no decorrer do tempo muitos estudiosos evocaram em algum momento a natureza como a responsável pela existência real e concreta: Aristóteles, Newton, Galileu, Da Vinci, Einstein, Copérnico, Kant, Schelling, Schopenhauer, Descartes, Hegel, Leibniz, Humboldt, Goethe, Machado de Assis, Dardel, Rousseau, Subercaseaux, entre inúmeros outros autores, cujos mesmos representam alguns dos mais eminentes intelectuais que souberam avaliar a natureza de forma outra, dialogando entre literatura e ciência: *a natureza é tudo*. Isto se traduz quase a considerando como sinônimo de existência (no sentido fenomenológico, em especial lembrando Heidegger e Merleau-Ponty).

O estudo da natureza é muito antigo, para isto basta lembrarmos de alguns dos pré-socráticos. Por vezes, na geografia seu ponto clímax se alcançou com Alexander Von Humboldt, principalmente em duas obras, Quadros da Natureza e Cosmos. A partir de então sua difusão fora positiva (no sentido moderno), mas outros saberes passaram a ter uma maior importância para muitos geógrafos, como por exemplo, a política e a urbanização. Por isso, a ideia de natureza, assim como a ideia de paisagem e outras tantas deixaram de ter uma relevância mais acentuada nos estudos da geografia. – Aqui, não obstante, se busca o mesmo – apesar de muito distante em metodologia e argumentação – do evocado na época dos naturalistas: evocar a ideia de natureza.

3 A NATUREZA E O OLHAR DO GEÓGRAFO: UM ROMANCE MÍTICO-GEOGRÁFICO

Para Ruy Moreira – parafraseando-o –, a geografia é muitas vezes confundida com a história e a história, certamente com a própria geografia. Isto, em virtude do que se segue, ou melhor, vejamos de forma muito bem defendida em suas palavras, esta relação espaço-temporal:

Durante longo tempo a Geografia ficou mentalizada no senso público como sendo a “base física” da História. Foi assim reduzida a uma Geografia Física. Mas por que, a base geográfica da história é física – isto jamais foi indagado. No íntimo relaciona-se com ideia meramente física que através da Geografia temos de natureza (MOREIRA, 1993, p. 01).

Estas colocações são essenciais para entendermos o porquê de a geografia ser sempre tão mal interpretada ou confundida explicitamente com os estudos históricos. Embora os estudos históricos em realidade não se separem dos estudos geográficos e vive versa. Os estudos relacionados à geografia não se reduzem tão somente a vertente física, a vertente humana também merece sua atenção, contudo, é verdade, as ações humanas se realizem no mundo inteiramente físico. O maior predador da Terra é o homem, eis, portanto, a razão de chamarmos sua ação devastadora de: erosão antrópica. Mas deve-se ressaltar que além de intentar por quase destruir a natureza, o homem também se mostra seu maior conservador, agindo, claro, na base geográfica da história.

Ruy Moreira inicia seu texto pontuando algumas provocações, num bom sentido, pois suas indicações são pouco mencionadas no contexto das aulas de alfabetização geográfica. Este autor chama o “Relevo” de “*a base territorial*” (MOREIRA, 1993, p. 05, grifos nossos) que encobre a superfície terrestre. Aqui, por conseguinte, chamaremos o relevo de a epiderme ou o capilar da Terra. Ou ainda, “o relevo, diz-se, é a forma que as camadas rochosas assumem na paisagem” (MOREIRA, 1993, p. 07). Com isso, acredita-se ser de mais fácil compreensão o significado do que é o relevo nos ensinamentos ou ensinamentos da geografia. Seguindo, Ruy Moreira diz ser o “*Clima a alma da natureza*” (MOREIRA, 1993, p. 08, grifos nosso), configurando assim todas as ações de intemperismos em todos os lugares³. Pois,

Uma vez que o clima se particulariza pela sua onipresença na composição do todo da natureza, é ele a “parte” que define a base territorial das regiões, conferindo-lhe um conteúdo mais amplo que o meramente topográfico fornecido pelo relevo, diferenciando e respondendo, portanto pela *arrumação geográfica dos lugares*. Mais que isso, mobilizando toda a energia convergente na superfície do planeta, o movimento climático mais parece um *artista plástico*; com cinzel e pincel em punho vai desenhando e firmando a identidade de cada lugar: aqui entalha o relevo, ali traceja as linhas fisionômicas do terreno e acolá preenche com a policromia das plantas o colorido da paisagem (MOREIRA, 1993, p. 09, grifos nossos).

Na sequência esquemática e muito bem estruturada para uma apresentação, Moreira evoca a “*Bacia fluvial*” como “*a artéria do corpo territorial*” (MOREIRA, 1993, p. 09, grifos nossos), ou podemos dizer, de maneira simplória, serem os rios as veias no qual correm o sangue azul pela face da terra (ideia semelhante foi desenvolvida antes por Da Vinci)⁴. Se referindo à vida medieval, Moreira nos convida a observar o mundo da seguinte maneira:

Lembrando, estranhamente, a metáfora medieval da relação corpo-alma (a Geografia moderna está repleta de metáforas medievais, como acidentes e catástrofes), toda a sequência do movimento da natureza sai da relação relevo-clima (aqui confundida com a relação pluviometria-altimetria), em que *o relevo é o “corpo” e o clima é a “alma”*. A rede fluvial é a “seiva” desse corpo, o fluxo territorial das águas (pluviais ou nivais, o que dá no mesmo) (MOREIRA, 1993, pp. 09-10, grifos nossos).

Ainda mais,

O desenho da bacia fluvial reitera o papel ordenador do território pelo relevo e pelo clima. A rede dos rios drena uma dada área territorial, delimitada regionalmente pelas linhas de cumeada dos interflúvios. Como as linhas de cumeada separam uma bacia da outra, a superfície da Terra pode ser vista como uma sucessão de bacias fluviais, imagem que é verdadeira, sobretudo nas regiões tropicais (MOREIRA, 1993, p. 10).

Não obstante, para Ruy Moreira há um divisor de águas, pois “o criador dessa pintura sobre a tela topográfica é o clima” (MOREIRA, 1993, p. 10). Uma vez que

Durante longo tempo, a ação geomórfica dos rios mereceu tal atenção dos geógrafos na explicação dos movimentos da natureza, dada a universalidade de sua ocorrência na superfície terrestre, que sua erosão foi designada erosão normal, dizendo-se com isso que ela é a mais comum no planeta e por isso mesmo a responsável maior pelo traçado do desenho da sua superfície. É que essa ação geomórfica dos rios não se isola na circunscrição de uma bacia, não ocorre isoladamente em cada uma, porquanto sendo regressiva age sobre os próprios interflúvios, levando um rio a capturar o vale de outro e uma bacia do desenho das redes de drenagem e de suas bacias fluviais que rezoneie territorialmente de modo constante as finas linhas topográficas que segmentem a superfície terrestre.

Por seu turno, intemperizando as rochas e erodindo-depositando os sedimentos nos diferentes pontos do gradiente da bacia, o fluxo das águas redistribui os solos, a flora e a fauna, para assim compor o delicado desenho de uma grande diversidade de micro-sistemas (MOREIRA, 1993, p. 10).

Do mesmo modo, pode-se considerar a bacia fluvial ou os rios, como uma espécie de fluxo de estratégia geopolítica, do seguinte modo:

Circulação sanguínea das verdadeiras unidades ecossistêmicas em cada território, as bacias formam a unidade básica de referência para as políticas de planejamento territorial, instigando a cobiça dos grandes proprietários de terras e dos Estados em busca do domínio dos seus espaços (MOREIRA, 1993, p. 10).

Considerando a ideia de alfabetização nos estudos concernentes a geografia, de modo a transmitir o conhecimento com pretensão em atingir o complexo processo de ensino-aprendizagem (pedagogia e educação = prática pedagógica ou educativa), o próximo elemento da terra explicitado por Moreira é o solo. Para este autor o “Solo” é “o útero da terra” (MOREIRA, 1993, p. 10, grifos nossos)⁵, onde tudo se origina (germina para a existência). Em suas palavras temos:

Oriundo da decomposição das rochas do subsolo ao contato com as condições climáticas locais, o solo reparte-se micro-escalarmente pelas bacias fluviais e interflúvios. O binômio solo-água se estrutura dentro dessas unidades territoriais, tornando-as o próprio núcleo do “espaço vital” ratzeliano. Das características de sua estrutura bio-físico-química, em particular da água, sais minerais e micro-organismos, decorre sua fertilidade, em função da qual os vegetais crescem e se desenvolvem entrelaçados à fauna (MOREIRA, 1993, pp. 10-11).

Com isto se diz que ao arrancar, por exemplo, uma árvore, se rompe o vínculo da mesma (raiz) à carne da terra. Em seu périplo - assim chamaremos o curso evidenciado por Ruy Moreira -, o autor aqui estudado diz ser a Vegetação, parafraseando-o, uma espécie de vida sem vida, anti-gravidade. Deste modo a seguinte passagem nos apresenta uma singular observação a este respeito.

Chegamos então ao âmbito da interação da vida no planeta. A vegetação é o elo final da cadeia *relevo-rocha-rio-solo*, sintetizando e fechando seu circuito. Por isso, mais do que o clima é ela quem expressa o elo estruturante do sistema da natureza. É a totalidade na sua síntese mais completa. Sendo produto-síntese, nela se reúnem todas as “partes” e se encerram todos os segredos dos elos que traçam o delicado equilíbrio global da natureza. Por isso, nela reside o segredo da equilibração do solo (MOREIRA, 1993, p. 11, grifo nosso).

Com efeito, no que concernem as plantas, pode-se dizer que “suas raízes fincadas no solo são a argamassa que mantém territorialmente fixo o conjunto, sedimentando a tessitura dos elos que o mantém unido num mesmo lugar” (MOREIRA, 1993, p. 11). Todavia, constitui-se, por assim dizer, a tessitura que liga a vida na natureza, cravando suas raízes ao solo. “Fixando o solo com suas raízes e assim realizando e garantindo a permanência do equilíbrio geral, a vegetação é para o geógrafo físico não mais que uma espécie de ação anti-gravidade, situando-a no campo da lógica geral do mundo físico” (MOREIRA, 1993, p. 11). Uma situação que promove a vida. Uma vez dito isto, é preciso acrescentar algo mais.

A vegetação é vista como a chave da manutenção do equilíbrio dinâmico do ecossistema e sua preservação é defendida por esta razão. Sua devastação, alega-se, abrindo para o *desmonte da tessitura*, num desequilíbrio que começa com a erosão dos solos (que é tanto maior quanto maior for o gradiente do terreno) e culmina no assoreamento dos rios e demais massas líquidas, *desata a cadeia* da interligação em que a irregularidade dos rios (sucendendo-se cheias e secas) altera e regime climático, formando um ciclo retroativo de catástrofes que atinge o conjunto da natureza em moto contínuo.

Entretanto, emoldurada no plano de fundo do relevo e espelhando as características do solo e do clima (diz-se que *a vegetação é o espelho do clima*, falando-se então da paisagem climático-botânica), a vegetação traça a referência o desenho dos arranjos do nível micro ao macro, e por isso é ela muita vez a referência geográfica da leitura do traçado fisionômico das paisagens. Indício de que nela um salto de qualidade inteiramente novo foi dado na *dialética da natureza* (MOREIRA, 1993, pp. 11-12, os grifos são nossos).

Conforme o exposto acima se pode considerar que “o encadeamento da natureza se transmuta em vida” (MOREIRA, 1993, p. 12). Um pouco paradoxal perguntemos: o planeta terra é uma grande máquina inorgânica ou um enorme corpo orgânico-maquinal? Vê-se neste momento, um ponto bastante complexo. Mas não recuemos diante tal caminho espinho e labiríntico iniciado. Continuemos com nossa ótica.

A dinâmica geomorfológica se fundamenta no pressuposto de a superfície terrestre ser uma sucessão de vertentes. Temos aí, portanto, a operação pura e simples da ação gravitacional: não houvesse a inclinação do terreno, fosse ela igual a zero, e a erosão e a sedimentação seriam igual a zero, inexistiriam. Não haveria processo do modelado do relevo (este nem haveria), portanto, já que a superfície terrestre seria lisa e o movimento geomorfológico estaria congelado (MOREIRA, 1993, p. 12).

Assim sendo, e seguindo na direção que nos convém (entendimento mecânico do movimento da natureza = climatologia), devemos expor o seguinte:

A relação *temperatura-pressão-umidade* (os “elementos do clima”), comandada pela ação da *dilatação-contração* do ar por parte das *oscilações térmicas*, e a relação *evaporação-condensação-precipitação* da umidade do ar, igualmente provocada pela ação das *oscilações térmicas*, traduzem a mesma ideia de *natureza-máquina* da Geomorfologia, não faltando mesmo a *fornalha solar*⁶, que alimenta o movimento de conjunto da engrenagem climática como forma de realização de lei geral da gravidade (MOREIRA, 1993, p. 13, os grifos são nossos).

Continuando diremos: por conseguinte, cada bacia fluvial não é mais que “o fluxo das águas conduzido pela ação gravitacional segundo a moldura traçada pelas grandes linhas das vertentes” (MOREIRA, 1993, p. 13). Como ilustração ainda atribuir que a vegetação “é o revestimento que atua como uma forma de ação da gravidade às avessas” (MOREIRA, 1993, p. 13). Uma espécie de cobertura, manta ou véu que mantém o elo termométrico na superfície terrestre. Para tanto, é bom dizer que “a Lei da Gravidade unifica a natureza e lhe confere o seu estado de equilíbrio” (MOREIRA, 1993, p. 13), conquanto, numa base física da história dos homens, ou como nos diz Ratzel – parafraseando-o: no teatro onde as coisas acontecem. A Geografia como o “teatro dos acontecimentos” (RATZEL, 1914, p. 13)⁷.

Entrementes, em relação à origem da natureza, há de salientar que as concepções da mesma estão vinculadas a cada momento vivido; às crenças como um todo. Neste contexto,

Cada época histórica cria sua própria concepção de natureza. Mais que isso, revela-nos que toda época é orientada pela concepção de natureza que melhor se vincula às necessidades culturais de relação dos homens com o seu mundo (MOREIRA, 1993, p. 14).

Tanto quanto possível, até o século XVIII, especificamente, “os homens olhavam o mundo e não viam na natureza mais que o corpo de Deus. A partir de agora passarão a ver apenas a natureza racional” (MOREIRA, 1993, p. 15). Em outras palavras, o encantamento do mundo cessou. Uma vez que é o século XIX passou a engendrar outros costumes, outras visões de mundo (pontos de vistas diversos; lembrar, por exemplo, as ideias impactantes da industrialização, de Karl Marx, do capitalismo), bem como flagrou o nascimento de muitas ciências, entre estas, a Geografia.

Com o advento do século XX, e acentuadamente com o século XXI, a ciência proclamada como irracional, quer dizer, desde que o filósofo alemão Martin Heidegger proclamou que “a ciência não pensa”⁸ - “die Wissenschaft denkt nicht” (HEIDEGGER, 1954, p. 04) (algo para se pensar profundamente e de modo crítico), “o homem está excluído do

conceito de natureza e a natureza está excluída do conceito de homem” (MOREIRA, 1993, p. 18). Deste modo, perguntemos assim como no início deste texto: nos tempos atuais O que é natureza?

Nos dias de hoje a exploração da natureza é ilimitada. O ambientalismo, a sustentabilidade, assim como outras fraseologias ideológicas, não promove coisa alguma realmente. Apenas e tão somente buscam oprimir as mentes humanas das novas gerações com mediocridade e hipocrisia estúpida. – Se a relação homem e natureza formam Um, enquanto unidade e não dicotomia de mundo, por que separá-los, uma vez que o homem não vive sem a natureza? Onde se encontra a sensibilidade humana para com a existência-mundo: natureza? A unidade homem-mundo, enquanto natureza não existe, a ponto de o ser humano ignorá-la?

Sobre a vida do homem no mundo diremos: o lugar genético do homem é a natureza real, concreta, fixa e material e não apenas o céu espiritual (abstração). Ele está com suas raízes fincadas na terra, pois seu alimento diário é oriundo das camadas terrestres. Seu substrato germina na terra. – Exposto isso, confessamos que a materialidade da terra é real e a espiritualidade do homem é ideal. O homem está grávido de desejos. Admitimos que essas ideias sejam uma característica do pensamento positivista (do idealismo humano), pois a coisificação do mundo, como é possível acompanharmos atualmente, é fruto desta subversão filosófica.

De resto, desde o século XVIII - principalmente - a natureza se traduz como o “*estoque-de-recursos da economia política neoclássica*” (MOREIRA, 1993, p. 30, grifos nossos). Passando, deste modo, “*à natureza-geopolítica do espaço vital*” (MOREIRA, 1993, p. 31, grifos nossos). Consolidando assim, o nascimento da Geografia Física, e sua atenção, suas análises metodológicas e científicas voltadas para a base terrestre do mundo. Deveras, “a natureza é história” (MOREIRA, 1993, p. 35).

Para finalizar esta abordagem pedagógica, assim entendida, porém, não concluindo, elencamos nas palavras de Ruy Moreira (p. 35), *o espaço da espiral*:

- 1) A síntese da vida é o elo unitário e diversificador da natureza.
– *A natureza* é ao mesmo tempo o inorgânico e o orgânico, o fragmentário e o unitário, o mecânico e o vivo. *É a unidade do diverso*. Isto porque a síntese da vida é o vir-a-ser que unifica-dissocia a natureza num processo de transmutação permanente.
- 2) A evolução é a diferenciação das formas.
... cadeia trófica...
- 3) A totalidade é totalização.
Já não mais cabe a divisão dicotômica da Geografia Física e Humana, já a partir do fato de que *o homem está em “ambas” as geografias*.
- 4) A territorialidade da natureza é o seu modo de ser geográfico.
Organização do vir-a-ser da natureza é o viés que a torna Geografia.

Observando o que fora elencado acima se diz: “o mundo é a sua diversidade” (MOREIRA, 1993, p. 37) na natureza, tornando-se existência, movimento. O mundo é movimento qualitativo-quantitativo.

Significa isto entender a natureza como o movimento em que as formas saem umas das outras, a vida da matéria sem vida, a matéria sem vida da matéria viva, num mundo que dialeticamente ora é equilibrado e ora desequilibrado, ora ordem e ora caos, um saindo do outro, um e outro sendo o ser e o não-ser de devir em que o real não é um nem outro e ao mesmo tempo é um e outro, o equilíbrio dando luz ao desequilíbrio e o desequilíbrio dando luz ao equilíbrio, a ordem ao caos e o caos à ordem, a sucessão de mediações dele fazendo o real-concreto do qual a senso-percepção só alcança a forma, confundindo-o com um mundo de formas (MOREIRA, 1993, pp. 37-38).

4 CONSIDERAÇÕES

Para se pensar sobre a Natureza ou à Natureza, devemos ser natureza, implícito e explicitamente e de maneira crítica; questionar tudo (entenda-se). Quer dizer, inovar, criar, numa palavra: *Ser ou Sermos*. Pois e *Ser* é na relação, ou dito em outros termos: “o Homem é na relação” (MARTINS, 2013)⁹.

Uma vez que o presente texto concebeu a relação entre ciência e arte, devemos equacionar este movimento intrínseco e mútuo, e para se chegar a este ponto é de fundamental importância dizer que “a arte é o complemento da natureza” (NOVALIS, 1993, frag. 248, p. 44)¹⁰. Assim, ao estudar a natureza, evidentemente o tempo e o espaço permeiam toda a análise. Isto ocorre em virtude de que o espaço e o tempo são inseparáveis, constituindo assim o que concebemos como natureza existencial.

Ao aplicar o conhecimento sobre a ideia de natureza no processo de alfabetização acreditamos ser este meio o mais fácil ou o mais simplório para entendermos ou compreendermos aquilo no que diz respeito à própria natureza. De modo simples é possível demonstrar às crianças e aos adolescentes o que é a natureza, o que designamos por natureza, bem como, ao longo da vida estudantil, temos em mente que o estudo voltado à natureza possa despertar ou desenvolver a criatividade aos seres em formação (estudantes) para com o mundo.

Parece-nos um pouco paradoxal ou mesmo contraditório/ambíguo, é verdade, mas confessamos criticamente que o homem não possui uma natureza como quer a psicologia, a biologia, a filosofia, a antropologia, a ética, às religiões e etc. Quer dizer, estes campos do conhecimento enxergam a natureza como exterior ao homem. Em parte refutamos tal ideologia, uma vez que tudo o que sabemos sobre a natureza advém do próprio homem; é o homem quem

pensa sobre a mesma, embora não perceba, é ele quem conceitua as coisas que existem; então, diremos: *o homem também é natureza*. Por vezes, devemos entender que a Geografia direciona seu método para a natureza como a coisa-em-si do mundo existencial (exterioridade), entretanto, aqui estamos elucidando o homem como natureza do ponto de vista relacional, pois o mesmo não se separa do espaço e do tempo, em suma, da natureza. Portanto, eis a razão de afirmarmos o homem como natureza. Contudo, sabemos da relação comportamental entre o homem, os seres vivos em geral e a naturalidade das coisas.

Acreditamos ter desenvolvido, de forma preliminar, ou ter introduzido um breve estudo sobre o que concebemos por natureza na geografia. Todavia, voltado para o processo de alfabetização.

NOTAS

- ¹ Embora lembrando que o mesmo capítulo fora publicado posteriormente como o segundo capítulo da obra *Para onde vai o Pensamento Geográfico?* Porém, com algumas breves alterações efetuadas.
- ² Nesse sentido podemos nos referir, por exemplo, há uma interessante passagem de Schelling (1800) quando o mesmo diz ser a natureza um poema. Em suas palavras: “o que chamamos natureza é um poema cifrado em maravilhosos caracteres ocultos” (SCHELLING, 2005, p. 425). Seguindo esta mesma lógica entre metáfora e mito (antes de Schelling), Galileu quando discorre a cerca do universo expressa algo semelhante: a natureza ou o universo, “está escrito em língua matemática” (GALILEI, 2004, p. 46).
- ³ Algo muito semelhante ao proposto por Schelling e Novalis. A este respeito, *Os Discípulos em Saïs* - de Novalis - é uma obra em que a ideia de natureza permeia toda a segunda parte do texto. Neste escrito Novalis discute sobre a Natureza; de certo modo, poder-se-ia dizer, ser uma conversação filosófico-literária sobre o tema. Não obstante, deve-se notar que para Novalis a ‘alma da natureza’ trona-se sinônimo, assim compreende-se, de ‘alma do mundo’: uma referencia, assim acredita-se, à obra de Schelling, *Von der Weltseele* (Da alma do mundo) de 1798. – Nos Hinos à Noite, (outra obra de Novalis) em algum momento nos surge a frase ‘a alma do mundo’; ‘l’anima del mondo’ - *die Seele der Welt* (NOVALIS, 1984, p. 83). Por conseguinte, para Novalis “a Natureza não será Natureza se não tiver espírito” (NOVALIS, 1963, p. 369).
- ⁴ “... se l’omo ha in sè Il lago del sangue, dove cresce e discesce Il polmore, nello alitare, Il corpo della terra ha Il suo oceano maré, Il quale, ancora lui, cresce e discesce ogni sei ore per ló alitare del mondo; se dal detto lago di sangue dirivan vene, Che si vanno ramificando per ló corpo umano, similmente Il maré oceano empie Il corpo de la terra d’infinite vene d’acqua” (DA VINCI, 1928, p. 65). A mesma citação também aparece numa edição francesa de 1907. Ver referências. É digno de nota acrescentar que o *Tratado de Pintura* de Da Vinci serve também, como um referencial no que tange a ideia de Natureza; tradução espanhola aqui utilizada. Ver referências.
- ⁵ Assim, neste sentido há a possibilidade em falar do “ventre da terra” (ASSIS, 2012, p. 31) bem como dos “mais elevados partos da natureza” (SCHELLING, 2010, p. 123). Dito isto, Schelling nos sugere que “a natureza deve ser o espírito visível, o espírito a natureza invisível” (SCHELLING, 1996, pp. 110-111). Para efeito de poetização e romantização científica da ideia de

natureza consultar os *Escritos sobre a Filosofia da Natureza* de Schelling. Ver referências. Em contrapartida, para efeito de cientificidade sobre a ideia de natureza remetemos o leitor a consultar a obra *A Natureza* de Merleau-Ponty. Ver referências.

- ⁶ Entende-se aqui como a zona tropical. Não obstante, para além do que fora dito, convém acrescentar que as zonas polares também realizam, assim acreditamos, o triunfo do clima e da gravidade.
- ⁷ No original alemão “Schauplatz” (RATZEL, 1909, p. 09).
- ⁸ “A ciência não pensa” (HEIDEGGER, 2012, p. 115).
- ⁹ MARTINS, Élvio Rodrigues. Anotações de aula. *Ontologia e Epistemologia em Geografia*. FFLCH/DEGEO-USP, 2013.
- ¹⁰ Na obra *O Borrador Geral*, original alemão, há duas passagens referentes à mesma ideia. “Die Kunst ist das complement der Natur”, já citada e “die Kunst ist die complementarisch Natur” (NOVALIS, 1993, frag. 248, p. 44 e frag. 583, p. 128, respectivamente). Assim como na *Enciclopédia*, fragmentos 1437 e 1438, p. 348; tradução espanhola aqui utilizada. Ver referências.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 2ª edição. 3ª reimpressão. São Paulo: Martin Claret, 2012. 208p. (Coleção obra-prima de cada autor; 18)

DA VINCI, Leonardo. **Tratado de Pintura**. Edición preparada por Ángel Gonzalez García. 7ª edición, 1ª reimpresión. Madrid: Akal, 2013. 509p. (Akal Básica de Bolsillo; 108)

_____. **Prose**. (Introduzione e note di Luigi Negri) Torino: Unione Tipografica - Editrice Torinese, 1928. 290p. (Collezione Classici Italiani. Seconda Serie; vol. 60)

_____. **Textes Choisis**: pensées, théories, préceptes, fables et facéties (Traduits dans leur ensemble pour la première fois d’après les manuscrits originaux et mis en ordre méthodique avec une introduction par Péladan) Paris: Societe Du Mercure de France, 1907. 384p.

GALILEI, Galileu. **O Ensaiador**. (Il Saggiatore - 1ª edição de 1623). (Tradução e notas de Helda Barraco) São Paulo: Nova Cultural, 2004. 256p. (Coleção Os Pensadores)

HEIDEGGER, Martin. Que quer dizer pensar? In: **Ensaio e Conferências**. (Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Márcia Sá Cavalcante Schuback). 8ª edição. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. 270p. (Coleção Pensamento Humano)

_____. **Was Heisst Denken?** Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1954. 174p.

MARTINS, Élvio Rodrigues. **Anotações de aula**. Ontologia e Epistemologia em Geografia. Pós-graduação. FFLCH/DEGEO-USP, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Natureza**: curso do Collège de France. Texto estabelecido por Dominique Ségard. (Tradução Álvaro Cabral). 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 448p. (Tópicos)

MOREIRA, Ruy. **Para Onde Vai o Pensamento Geográfico?** por uma epistemologia crítica. 2ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014. 192p.

_____. **O Círculo e a Espiral:** a crise paradigmática do mundo moderno. Rio de Janeiro: Editora Obra Aberta, 1993. 142p.

NOVALIS. **La Enciclopedia** (notas y fragmentos). Traducción del alemán de Fernando Montes. Segunda edición. Madrid: Editorial Fundamentos, 1996. 456p. (Colección Espiral; Serie Ensayo: 15)

_____. **Das Allgemeine Brouillon:** Materialien zur Enzyklopädistik 1798/99. Mit einer Einl. von Hans-Joachim Mähl. Hamburg: Meiner, 1993. 248p. (Philosophische Bibliothek; 450)

_____. **Inni Alla notte - Canti spirituali.** (Traduzione de Roberto Fertonani a cura do Virginai Cisotti). 2ª edizione. Con testo a fronte. Milano: Arnaldo Mondadori Editore, 1984. 172p. (Biblioteca colla economia di classici; 37).

_____. *Les disciples à Saïs.* (Traduction par Maurice Maeterlinck). In: ALEXANDRE, Maxime (Org.). **Romantiques allemands I.** Gallimard, 1963, 1648p. (Collection bibliothèque de la Pléiade; 168).

SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. **Aforismos para Introdução à Filosofia da natureza e Aforismos sobre Filosofia da Natureza.** (Tradução e introdução de Márcia C. F. Gonçalves) Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. PUC-Rio/Loyola, 2010. 172p.

_____. **Sistema del Idealismo Trascendental.** 2ª edición. (Traducción, prólogo y notas de Jacinto Rivera de Rosales y Vitgini López Domínguez) Barcelona: Anthropos, 2005. 480p. (Autores, textos y temas. Filosofía: 14)

_____. **Escritos sobre Filosofía de la Naturaleza.** (Estudio preliminar, traducción y notas de Arturo Leyte) Madrid: Alianza Editorial, 1996. 280p. (Colección Alianza Universidad)

RATZEL, Friedrich. **Geografia dell'uomo (Antropogeografia):** principî d'applicazione della scienza geográfica alla storia. Primo volume. (Tradotta da Ugo Cavallero) Torino: Fratelli Boca Editore, 1914. 596p.

_____. **Anthropographie:** grundzüge der anwendung der erdkunde auf die geschichte. Dritten Auflage. Erster Teil. (Herausgegeben von Prof. Dr. Albrecht Penck) Stuttgart: Verlag von J. Engelhorne, 1909. 400p.